

A VIDA E LEGENDA DE SÃO JORGE, Mártir / 23 de Abril.

Gr.: Geôrgios (*o Lavrador*). **Lat.:** Georgius. **It.:** Giorgio, Jorio. Zorzo (*em dialecto veneziano*), Giorgione. **Fr. Arc.:** Jeux, Joire, Jorioz, Juéry, Juire. Jurs, Jurson, Yors. **Fr.:** Georges. **Ingl.:** George. **Al.:** Georg. Görg, Görres. Jörg, Jörigen, Jürgen. **Hol.:** Joris. **Suec.:** Göran, Orjan. **Pol.:** Jerzy. **Rus.:** Velikomutchenik Georgii, Georgii Pobêdonosets (*o Vitorioso*), Igor, Iuri.

Introdução

Como refere Louis Réau, a sua legenda é fabulosa e não é original. Nasceu na Capadócia (hoje, Turquia) e pode confundir-se com outro S. Jorge, bispo ariano de Alexandria. Segundo o padre Jesuíta Hippolyte Delehaye, é um conto das mil e uma noites. O *Flos sanctorum de Ribadeneyra*, com a boa intenção de recuperar o santo, acusa os hereges de escrever vidas de alguns mártires, misturando fábulas e coisas prodigiosas, com o fim de serem desacreditados e, desse modo, obscurecer «a glória da Igreja Católica». Um sínodo romano, do séc. V, ordenou que tais livros fantásticos fossem queimados. E o Papa Gelásio (410-496), por decreto, inseriu o martírio de S. Jorge (492-96), como apócrifo. Por isso, no Breviário Romano, reformado de S. Pio V (1566-72), não aparecem leituras próprias de S. Jorge, nem se faz menção da sua vida e martírio.

Contudo, Luigi Lippomano, núncio em Portugal (1542) e um dos presidentes do Concílio de Trento (1551), depois bispo de Verona (1557), trouxe à luz duas Vidas de S. Jorge, Mártir: uma, de Veneza, escrita por Simeão Metafraste (séc X-XI); e a outra da Livraria de Grota Ferrara, (procedente do Mosteiro de Monges Gregos da Ordem de S. Basílio) escrita por Pasicrata, criado do próprio S. Jorge e mandou traduzir do Grego para Latim e as publicou. Confirmou, ainda, que estas não são as Vidas que o Papa Gelásio reprovou, e consideram-se aprovadas, com o testemunho da Igreja do Oriente que as lê escrupulosamente, todos os anos, confirmando-as assim como verdadeiras. E Surio as recolhe no seu segundo tomo das *Vidas dos Santos*. Contudo, o Cardeal Barónio, examinando, com a habitual atenção e severidade, considera que há nelas vícios e acrescentos e carecem de rigor e revisão.

Estes simples relatos dos tempos heróicos que diríamos saídos de uma pena molhada no sangue dos mártires. E estas histórias singelas, perfumadas de piedade e de virtude, em que são contadas, por testemunhas, os combates de ascetas e de virgens, merecem, sem restrição, a nossa admiração e o nosso respeito. Por isso mesmo que é necessário separar, muito claramente, uma classe muito numerosa de escritos muito mal elaborados e sem elevação, onde a figura aparece escondida por uma retórica espessa, feita de clichés. E a sua voz é desfigurada pelo farfalho do biógrafo. Há uma distância infinita entre as duas categorias literárias. Uma é bem conhecida e recomenda-se por si própria. A outra é demasiado ordinária e faz mal à primeira. Aliás, quem se sinta atraído pelos estudos iconográficos deve trilhar resolutamente as vias da crítica e não caminhar de olhos fechados. Não escondemos que, aplicando mal os procedimentos de busca, muito eficazes, se possa chegar a resultados imprevisíveis e impossíveis ou mesmo inadmissíveis. Será fácil convencer-se disso, quando examinamos as questões que têm alguma relação com a exegese mitológica, muito na moda, hoje. Tais passos brilhantes executados sobre este terreno puseram ao rubro um público mais sensível à novidade das conclusões do que preocupado com a solidez da pesquisa. É nossa obrigação convidar ao controle e indicar os meios.

Hippolyte Delehaye, in Les legendes hagiographiques 2ª ed 1906

LEGENDA

Oficial de uma legião romana, atravessara uma cidade aterrorizada por um dragão que devorava homens e animais. Para acalmar a fome do monstro, a povoação entregava-lhe duas ovelhas diárias e, acabado o gado ovino, duas jovens eleitas por sorteio. Um dia, a sorte recaiu

na filha do rei. Quando uma delas estava prestes a ser devorada, apareceu S. Jorge, esporeando o cavalo e, carregando sobre o dragão, trespassou-o com a sua lança. Segundo a *Legenda Dourada, tê-lo-ia apenas* ferido, pedindo à princesa que amarrasse o seu cinturão à volta do pescoço do monstro e ele passou a segui-la levado à soga. O santo distribuiu entre os pobres o dinheiro da recompensa que o rei lhe teria dado.

A *passio* (martírio) teria ocorrido em 303. O hagiógrafo enumera os espantosos suplícios que teve de padecer por ter-se negado a oferecer sacrifícios aos ídolos: foi estirado num potro de tormento, desgarrado com garfos de ferro, submetido à tortura dos borzeguins de ferro aquecidos ao rubro e guarnecidos de cravos pontiagudos, suspenso de cabeça para baixo sobre um braseiro... A todos resistiu milagrosamente. Então, um mago preparou veneno para lhe dar a morte: moeu uma serpente venenosa num copo, mas a dose não foi suficiente. Reuniu numerosas víboras numa argamassa e S. Jorge comeu a mistura, tornando-a inofensiva com um sinal da cruz. Amarrado a uma roda eriçada de espadas, o instrumento de tortura foi partido pelos anjos que desceram do céu. Submerso num caldeiro cheio de chumbo fundido, bastou um sinal da cruz para que logo experimentasse os efeitos de um banho refrescante. Num templo pagão a que o levaram à força, invocou a Deus e os ídolos caíram por terra. Resistiu, atado à garupa de um cavalo e arrastado nu sobre caminhos pedregosos. Cansados de tantos esforços, os verdugos acabaram por decapitá-lo. Seus membros serrados por um dos carrascos, foram lançados a um poço, de onde um anjo retirou a cabeça.

Qual é a origem destas fábulas? Explica Réau: O tema da luta contra o dragão e da libertação da princesa já se encontrava na legenda grega de *Perseu e Andrómeda*. Perseu dos gregos, por sua vez, é uma variante do deus egípcio *Horus*, representado a cavalo e trespassando com a sua lança um crocodilo. Portanto, conclui: S. Jorge não passa da réplica cristã de Horus e os cristãos da Síria fizeram da sua luta contra o dragão o símbolo da conversão da Capadócia. Mas também, a princesa libertada do dragão tornou-se símbolo da Igreja cristã, subtraída aos perseguidores pelo imperador Constantino. [cfr Apoc. 12: o tema do dragão e da mulher é amplamente tratado no Apocalipse de S. João que, certamente, remete para o Génesis]. O dragão, para os cristãos, converteu-se em símbolo do paganismo. Os cristãos de Oriente, aplicaram esta legenda de origem egípcia e grega a S. Teodoro, outro santo militar que foi suplantado por S. Jorge a partir do século XI.

VITA

S. Jorge, natural da Capadócia, filho de pais nobres e ricos, desde a meninice, foi criado na religião cristã. Sendo moço, com gentil disposição e grande força, alistou-se no exército imperial. Por seu raro talento, foi feito tribuno ou oficial de campo no exército de Diocleciano que o honrou por suas grandes qualidades. Não sabendo que era cristão, pensou servir-se dele para feitos grandiosos e heróicos. A fim de perseguir a Igreja, extirpar a fé de Jesus-Cristo e favorecer o culto dos seus falsos deuses, reuniu os seus conselheiros e ministros para destruir, com atrocíssimos tormentos, todos os que se diziam cristãos e pedir-lhes este serviço e conselho. Dominados pela lisonja, louvaram e aprovaram os desejos e determinações do Imperador. Apenas S. Jorge, que se achava presente, repudiou, como injusto e contrário ao culto do verdadeiro Deus. Nesse momento, soube o Imperador e todos, os que o ouviram, que era cristão e procuraram desviá-lo desse propósito, chamando-o a atenção para a flor da sua juventude, para a sua nobreza e riqueza, galhardia, bem como para os favores e mercês que tinha recebido do Imperador e os mais dons que poderia vir a receber e os danos que se seguiriam, não sacrificando aos deuses, como Diocleciano ordenara. Mas o valoroso soldado de Cristo não se perturbou, nem esmoreceu. E, voltando-se para o Imperador, disse-lhe: Melhor seria, Diocleciano, que conhecesses e adorasses o verdadeiro Deus e lhe oferecesses sacrifícios de louvor, porque só Ele te pode dar

outro Reino mais excelente, que o que agora tens. Porque este teu reino é frágil e caduco e num instante se acaba e, tudo o que nele há, por sua natureza, frágil e breve, desaparece entre mãos e não pode trazer proveito a quem o possui. E tendo eu este conhecimento e esta luz, não te canses (ó Imperador) em persuadir-me, que deixe o Deus verdadeiro, porque nem as tuas promessas me poderão conquistar, nem as ameaças amedrontar.

Foi espantoso o desgosto e a raiva do Imperador que, imediatamente, o mandou prender e metê-lo no cárcere, acorrentado e, estendido no chão, com uma grande e pesada pedra, sobre o corpo. No dia seguinte, trouxeram-no ao tribunal e, após várias demandas e respostas, mandou-o atormentar numa roda armada de pontas de aço, por todos os lados, que despedaçavam as carnes do santo.

Naquele momento, foi consolado por uma voz do céu que lhe disse: *Jorge, não tenhas medo, que eu estou contigo*. E um varão resplandecente, vestido de roupas brancas lhe apareceu e lhe deu a mão, o abraçou e o animou nas suas penas. Alguns se converteram à Fé de Cristo, pela constância de S. Jorge. E, entre eles, dois Pretores, Varões de grande autoridade, que se chamavam Anatolio e Protoleo, os quais foram degolados por causa da fé em Cristo. Porém, quanto maiores eram os tormentos, que davam ao Santo, tanto maior era a paciência e a constância, com que os suportava, para alegria dos cristãos e confusão dos pagãos. O furor e a raiva do Imperador, que já não sabia que mais fazer para o vencer, em vão, crescia.

Finalmente, resolveu falar-lhe com brandura e afabilidade, exortando-o a não ser tão obstinado e assim perder o seu favor. Desejava oferecer-lhe honras muito grandes e benefícios, se lhe obedecesse. E o santo disse-lhe: já que queres, vamos ao Templo e vejamos os deuses que adoras. E o Imperador, com grande regozijo, crendo que se tinha encontrado e mudado, mandou convocar o Senado e o Povo, para que fossem ao Templo e presenciassem o sacrifício que Jorge iria oferecer. Entraram no Templo e postos os olhos de todos no santo, ele aproximou-se da estátua de Apolo e estendendo a mão, disse-lhe: Queres receber de mim o sacrifício como Deus? E dizendo isto, fez o sinal da cruz. Então, o demónio que estava na estátua, respondeu: *Eu não sou Deus, nem há outro Deus, a não ser o Deus que tu anuncias*. O Santo disse: *Pois, então, como ousas estar aqui, na minha presença, que conheço e adoro o verdadeiro Deus?* E, dizendo estas palavras, ouviu-se um alarido e um vagido triste e choroso que saía como que da boca daqueles ídolos e todos eles caíram e se fizeram em pedaços. Mal os sacerdotes viram isto, incitaram o povo e, agarrando o santo, ataram-no e lhe deram muitos golpes. Com altos gritos e, chamando o Imperador, pediram que mandasse retirar dali aquele mago e lhe pusesse fim à vida, antes que perdessem a sua, por verem os seus deuses insultados. O Imperador, movido pelas vozes dos sacerdotes e, por sua própria ferocidade, impiedade e do grande número de pagãos que se tinham convertido à Fé de Cristo, e por se verem derrotados e diminuídos os ídolos com a virtude e a oração de S. Jorge, mandou-o degolar, a fim de que o mal não alastrasse. Levaram o santo ao lugar do suplício e ele pediu aos verdugos que lhe dessem algum tempo para rezar.

Tendo-o concedido, com os olhos e as mãos levantadas ao céu, com voz e sopro entranhável que lhe vinham do coração, rezou deste modo: *Senhor, meu Deus, que existis antes de todos os séculos e me escolheste para Vós desde a minha juventude e sois a esperança única e verdadeira dos cristãos e refúgio seguro dos vossos servos, tesouro riquíssimo e perpétuo de todos os que confiam em vós e encheis de dons os que*

vos amam, antes que os peçam, ouvi-me. E já que por vossa misericórdia me destes paciência e fortaleza, para padecer tantos tormentos e confessar o vosso santo nome, recebei agora a minha alma e colocai-a nessas vossas moradas eternas, onde se encontram os vossos escolhidos. Perdoai, a esta gente cega, o que contra mim e contra os vossos servos fizeram e dai-lhes a luz para que se conheçam e vos reconheçam, pois que desejais que todos se salvem. Dai a vossa mão a todos os que vos invocam e vos suplicam favor, um santo temor e uma caridade acesa, para que, vos amando só a Vós sobre todas as coisas, imitem os santos, sigam os seus passos e com eles gozem junto de Vós, a quem pertence o Reino, a glória e toda a bem-aventurança.

Acabada a oração, pôs-se de joelhos, apresentou o pescoço à faca e morreu no Senhor, aos vinte e três dias de Abril, sendo imperador Diocleciano. Foi martirizado na Pérsia, na cidade de Diospoli, embora outros digam que foi na Arménia, na cidade de Melitena. O martírio de S. Jorge foi muito ilustre e celebrado em todas as Igrejas do Oriente e Ocidente e, por excelência, os gregos chamam-no o Mártir S. Jorge.

S. Germano (496-576), bispo de Paris, vindo da peregrinação a Jerusalém, trouxe o braço de S. Jorge que lhe dera o Imperador, bem como um riquíssimo tesouro que guardou em Paris na igreja de S. Vicente. Em Roma, segundo o livro dos Pontífices romanos, guarda-se a cabeça de S. Jorge, na igreja de seu nome, aí colocada pelo Papa. O Papa S. Gregório reparou a igreja do santo mártir, como escreve na Epístola 58 do referido livro. O outro braço do mártir foi levado para Colónia e, por ele, fez Deus muitos e grandes milagres, como se pode ver nos Actos de Santo Annon (1010-75), bispo de Colónia. E também no *De Gloria Martyrum*, cap. 101, Gregório (538-94), bispo de Tours, escreve sobre as suas relíquias e milagres. O imperador Justiniano (482-565) levantou um Templo sumptuoso a S. Jorge. Os reis, nas suas batalhas, têm-no por particular advogado e a Igreja de Roma costuma invocar S. Jorge, S. Sebastião e S. Maurício, como especiais protectores contra os inimigos da Fé.

Cfr. *Flos Sanctorum*, Barcelona, 1790, Padre Pedro Ribadeneira, S.J., Tomo I, pp 623-626.

CULTO

Nascido no Oriente, o culto de S. Jorge permaneceu localizado, durante muito tempo, na Palestina, na Lídia e entre coptos do Egipto, cuja cidade de Gergeh lhe foi dedicada. Daí passou a Constantinopla que lhe dedicou o grande mosteiro de *S. Jorge* de Manganes, na Punta do Serralho. São Jorge é o santo padroeiro da Geórgia. Na sua bandeira exhibe a cruz de São Jorge e, no escudo, uma representação do santo, a cavalo, a matar o dragão.

A afirmação de que o seu culto se introduziu no Ocidente, com as cruzadas, é desmentida pelo estudo de patronados datados¹. Numerosas igrejas estavam sob a sua advocação, antes do século XII, p. e., a de Limburgo an der Lahn, em Praga. Foi patrono dos cruzados na Terra Santa, como sucedeu com Santiago, em Compostela, na Cruzada de Espanha. Corriam as mesmas lendas acerca de um e outro santo. Depois da tomada de Antioquia, S. Jorge, montado sobre um cavalo branco, teria vindo socorrer os cruzados, com os santos militares Demetrio e Mercurio, que puseram em fuga os Sarracenos. Desde então, se considerou o tipo ideal do paladino e tornou-se o cartaz e modelo das virtudes cavaleirescas.

Deste modo vem a sua popularidade enaltecida nas novelas de cavalaria. S. Jorge e a princesa libertada reaparecem no *Orlando furioso* de Ariosto, com os nomes de

¹ J. Dorin, Beiträge zur Patrocinienforschung, Arch. f. Kulturgesch, 1917

Rogélio e Angélica, e apesar da deformação caricaturesca da novela satírica de Cervantes, pode, ainda, ser reconhecido em D. Quixote e Dulcineia. Em Itália foi escolhido como patrono pelas Repúblicas de Génova e de Veneza que lhe dedicaram nada menos que três igrejas: San Giorgio Maggiore, S. Giorgio Dei Greci e San Giorgio degli Schiavoni. Na Catalunha, foi adoptado por *Barcelona*, de modo que três dos maiores portos do Mediterrâneo acertavam prestar-lhe homenagem. Outras igrejas estão sob a sua advocação, em Verona e em Roma (San Giorgio in Velabro).

Na Alemanha, o seu culto foi patrocinado, nos começos do séc. XI pelo imperador santo Enrique II, que lhe dedicou uma igreja em Bamberg. Más tarde converteu-se em patrono dos cavaleiros da *ordem Teutónica* e foi incluído no grupo dos *Quatorze Intercessores*. No séc. XV, o teatro dos Mistérios pôs em cena o auto de fé *Ludus draconi* ou *Jogo do dragão* que em alemão se chamou *Drachenstich*, em que um anjo entrega o seu escudo a S. Jorge. O imperador Maximiliano professava uma devoção particular pelo santo cavaleiro a quem está dedicada a igreja beneditina de Weltenburg, nas margens do Danúbio.

Em Inglaterra só chegou a converter-se em *santo nacional* a partir de 1222, ano do sínodo de Oxford. Contava-se que tinha desembarcado na Grã-Bretanha, como o apóstolo Santiago na Galiza, chegando pelo estreito do mar da Irlanda, que tomou o seu nome. A sua popularidade data do reinado de Ricardo I que, na cruzada, se colocou, com o seu exército, sob a protecção particular de S. Jorge. Além disso, o santo foi escolhido para patrono da *ordem da Jarreteira*, instituída em 1349, por Eduardo III. Na Inglaterra há mais de cento e sessenta igrejas sob sua advocação. Substituiu santo Eduardo, o Confessor, que era venerado desde o séc. IX como patrono da Grã-Bretanha. Santo essencialmente militar pelo seu heróico combate contra o dragão, é o patrono dos *cavaleiros* e dos *ginetes* (*patronus equitum christianorum militum propugnator*), dos *arqueiros* e dos *besteiros* ou *balestreiros*², assim como das duas corporações de artesãos que apoiavam os combatentes: os *arheiros*³ e os *plumeiros* ou fabricantes de grandes penachos de plumas para os capacetes ou cascos de guerra ou de torneio, como o que traz S. Jorge na cabeça e dos *seleiros*, pois que o santo montava bem a sela⁴.

Em grego, o seu nome que significa trabalhador da terra lhe valeu o patronado dos labregos. Recorria-se à sua protecção para os cavalos, porque é um santo ginete e também se invocava contra as serpentes venenosas porque matou um dragão. Além disso, era protector contra a lepra, a peste e a sífilis.

Embora haja quem pense que a devoção a S. Jorge, em Portugal, se possa colocar no séc. XII, no entanto, só no reinado de D. Afonso IV de Portugal é que o uso do seu nome "*São Jorge!*" como grito de batalha se tornou regra, substituindo o anterior "*Santiago!*".

O Santo D. Nuno Álvares Pereira, Condestável do Reino, considerava São Jorge o responsável pela vitória portuguesa na batalha de Aljubarrota e aí está a Ermida de S. Jorge a lembrá-lo. O Rei D. João I de Portugal era também um devoto do Santo, e foi no seu reinado que S. Jorge substituiu Santiago como padroeiro de Portugal. E o nome do santo, foi dado ao castelo de Lisboa. Em 1387, ordenou que a sua imagem a cavalo

² A companhia de arqueiros de Harlem, imortalizada por Franz Hals tinha o nome de St Joris doelen.

³ Em alemão, Panzerschmiede

⁴ Na Provença é o patrono dos vaqueiros e boieiros da região de Camargue

fosse transportada na procissão do Corpus Christi. Nas descobertas foi dado o nome de S. Jorge a uma ilha dos Açores.

E na diocese do Porto é patrono de três Paróquias.

Assim, séculos mais tarde, chegaria ao Brasil.

A partir do séc. XVI o culto de S. Jorge, que personificava o ideal cavaleiresco da Idade Média, foi-se perdendo, quando a artilharia tomou o lugar dos combates singulares com lança e espada. E a Reforma deu-lhe, com poucas exceções ou reabilitações, o golpe de misericórdia, na devoção popular.

ICONOGRAFIA

É representado como jovem e imberbe, com *armadura* de cavaleiro, quer a pé, quer a *cavalo*. Seu cabelo encaracolado desce abaixo da fronte, diferente de S. Demétrio que tem o cabelo curto.

Além do *dragão* bramando a seus pés, tem como atributos uma *lança partida* (o que o diferencia de S. Longinos na Madonna della Vittoria de Mantegna), uma *espada desembainhada*, um escudo *com uma cruz estampada* e uma *bandeira branca com uma cruz vermelha* (em termos de heráldica: uma cruz de goles sobre campo de prata) que fora entregue por um anjo.

A bandeira de S. Jorge converteu-se em insígnia nacional de Inglaterra. Quando aparece representado como patrono da ordem da Jarreteira (como no quadrito de Rafael), tem uma jarreteira amarrada à volta do joelho, onde se lê a divisa: *Honni soit qui mal y pense*⁵.

O *cavalo branco* que monta é talvez uma lembrança de uma tradição muito antiga, pois que para os mazdeístas o branco era a cor dos cavalos sagrados (Herodoto, VII, 40) e a Capadócia estava impregnada de influências persas.

1. Figuras

Dividem-se em duas séries: pedestres e equestres.

S. Jorge a pé

Al.: S. Georg zu Fuss. Ingl.: St. George on foot. Fr.: Saint Georges à pied.

Século XIII: Estátua, átrio sul do transepto. Catedral de Chartres. / Estátua de pedra. Torre da catedral de Friburgo, Suíça. // **Século XIV:** Lápides da catedral de Mogúncia. / Estátua de madeira dourada. Retábulo de Jacques de Baerze. Museu de Dijon. / Vitral da catedral de Ratisbona. // **Século XV:** Donatello. Estátua pedestre encomendada pela corporação dos armeiros (corazzai) para a capela municipal da igreja de Or San Michele, em Florença. S. Jorge leva uma couraça e apoia-se num escudo. / Mantegna, 1462. Academia Veneza. De pé e com armadura, tem uma lança partida na mão. Mantegna representou-o uma outra vez frente a S. Longinos, cuja lança está intacta, aos pés da Virgem da Vitória (Madonna della Vittoria). / Jan van Eyck. San Jorge com armadura, apresentando diante da Virgem o cônego Georges van der Paele. Museu de Bruges. / Jaume Huguet. Retábulo. Museu de Barcelona. / Simon Lainberger. Estátua de madeira. Altar-mor da igreja de St. Georges, Nördlingen. // **Século XVI:** A. Durer. Postigo do retábulo Paumgärtner, 1502. Pinacoteca de Munique. O donante, vestido de S. Jorge, aperta o pescoço do dragão⁶ / Correggio. Virgem de S. Jorge (Madonna di S. Giorgio). Galería Dresde. Quadro pintado para a igreja dos dominicos de Módena.

S. Jorge a cavalo

Al.: S. Georg zu Ross. Ingl.: St. George on horseback. Fr.: Saint Georges à cheval.

Carrega com a lança em riste ou brande a espada após uma primeira troca de armas.

⁵ Que se desonre quem pensa mal.

⁶ O mesmo pormenor encontra-se num desenho de ensaio de Dürer que ilustra o Livro das horas do imperador Maximiliano, 1515. Biblioteca de Munique.

Século XII: Tímpano da catedral de Ferrara, 1155. / Tímpano da igreja de Heaulme (Seine e Oise). // **Século XIII:** Vitral de Chartres. O santo brande a espada. - Baixorrelevo da Porta S. Giorgio, Florença. // **Século XIV:** Estátua equestre de cerâmica rosa na fachada da catedral de Basileia. / Martin e Georges de Koloszar, Transilvânia. Estátua equestre de bronze, retocada no Renascimento. Castelo de Hradcany, Praga. / Miniatura das Horas do marechal de Boucicaut. Museu Jacquemart André. Paris. Montado sobre um cavalo branco, o santo, tem um casco empenachado e enterra a lança nas fauces do monstro. // **Século XV:** P. Johan. Grande tondo decorativo. Palácio da Generalitat de Catalunha, Barcelona.

2. Ciclos

Século XIII: Relicário de S. Jorge e de santa Odila, c. 1240. Igreja de Amay, Bélgica. // **Século XIV:** Frescos da capela do Rosário. Catedral de Clermont Ferrand. San Jorge padece os suplícios do potro e da roda; o seu corpo é açoitado pelo verdugo e os seus membros lançados a um poço do qual um anjo retira a sua cabeça; a aparição do santo montando um cavalo branco e carregando contra os sarracenos. // **Século XV:** Pisanello. Frescos na igreja de Santa Anastácia. Verona. / Carpaccio. Frescos da igreja de S. Giorgio degli Schiavoni, Veneza. / Frescos da capela de San Giorgio, em Pádua: 1. S. Jorge bebe o veneno que lhe dá o mago. 2. Estiram-no sobre uma roda que os anjos partem. 3. Com suas orações consegue derrubar o templo de Apolo. 4. É decapitado. / A. Marçal de Sá (pintor de origem alemã radicado em Valencia). Grande retábulo pintado c. 1420, talvez procedente da catedral de Barbastro ou da igreja de S. Jorge, em Huesca. Victoria A.M., Londres. No centro está representado S. Jorge combatendo o dragão e a batalha de Albocacer, próximo de Huesca, onde os cristãos, em 1098, tiveram uma vitória sobre os mouros, atribuída à intervenção de S. Jorge. Nos laterais, apresentam-se os episódios do seu martírio. Daciano, aconselhado pelos demónios, fá-lo atar a uma cruz, cravar sobre uma prancha, serrar, desgarrar entre duas rodas, submergir num caldeiro com chumbo fundido, arrastar com cavalos e, finalmente, decapitar. / Outro retábulo catalão atribuído a Jaume Huguet. O painel central representa S. Jorge combatendo o dragão e se conserva no Art Institute de Chicago, enquanto os postigos, divididos em quatro painéis, estão no Louvre. Ali se representa S. Jorge perante o juiz, flagelado, atado à cauda de um cavalo e decapitado. / Jan Borman. Retábulo de madeira esculpida, procedente de Lovaina, 1493. Museu de Arte e Historia, Bruxelas. O santo está suspenso de cabeça para baixo sobre um braseiro e assado num touro de bronze⁷. // **Século XVII:** Frescos da igreja de Sucevitsa (Bucovina): S. Jorge distribui as suas roupas entre os pobres; comparece perante o imperador Diocleciano; é flagelado; um soldado atravessa o corpo do santo com a sua lança; atam-no nu a uma coluna; padece o suplício da roda; bebe o veneno que lhe preparou um mago; põem-no de cabeça para baixo em cima de um braseiro; dois verdugos serram o seu corpo, começando pela cabeça. / Frescos alemães do castelo de Neuhaus (Boémia). A legenda induz não menos de cinquenta cenas.

3. Cenas

De entre todas as cenas, mais frequente, é de longe, a de S. Jorge combatendo o dragão.

S. Jorge combatendo dragão

It.: *San Giorgio combatte il dragone*. **Fr.:** *Saint Georges combattant le dragon*. **Ingl.:** *St. George and the dragon*; **St.:** *George in combat* **Al.:** *Der hl. Georg im Kampf mit dem Drachen*; **Der Drachenkampf**; **Der hl. Georg erlegt den Lindwurm**. **Hol.:** *Sin Joris met den draak*. **Suc.:** *St. Görans drakstrid*. **Rus.:** *Boï sv. Georgia s. drakonom, Tchudo Georgii o zmie*.

S. Jorge combatendo o dragão não se menciona nos *Actos*. O tema foi introduzido na legenda no século XI. É uma alegoria tomada literalmente e popularizada por la *Legenda Dourada*, que se converteu num símbolo corrente da luta dos apóstolos contra a idolatria.

A jovem princesa libertada personifica a Igreja da Capadócia que teria sido evangelizada por S. Jorge. Por vezes chegou a ser assimilada a santa Margarida, que também triunfou sobre o dragão, mas com a cruz e não com lança e espada.

S. Jorge quase sempre combate a cavalo. Não obstante, às vezes luta a pé (gravado do Mestre do Livro de Razão). A partir do século XII (tímpano de Ferrara), se vê a brandir a *espada* depois de ter rompido a *sua lança* cujos fragmentos estão entranhados no corpo do monstro.

Na iconografia bizantina observa-se um pormenor desconhecido na arte do Ocidente: detrás do santo que galopa sobre um cavalo branco, há um homem jovem sentado à garupa. Na catedral de

⁷ O touro de Phalaris é um instrumento de tortura, atribuído a Phalaris, o tirano da Sicília, que morreu no ano 554. O executado é introduzido dentro de uma efígie de bronze em forma oca de touro.

Plasencia, o escudeiro é substituído pela própria princesa que se agarra ao arção da sela. Esta anomalia se explica sem dúvida alguma por uma errónea interpretação do modelo bizantino.

A cena ocorre sob os muros de uma cidade onde os espectadores ansiosos seguem o curso do combate, em que a filha do rei reza, com as mãos elevadas ou unidas, pela vitória do seu defensor. Com frequência, a seu lado há um cordeiro que se havia escolhido para alimento do dragão.

Século XIII: Capitel de Vézelay. / Tímpano da catedral de Ferrara. / Fresco pintado no vão de uma janela da igreja de Saint Jacques des Guérets, próximo de Vendôme. // **Século XIV:** Horas do marechal de Boucicaut. Museu Jacquemart André, Paris. S. Jorge está representado com os trajes do marquês. La princesa liberada é o retrato da sua mulher Antonieta (Antoinette) de Turena. // **Século XV:** Pias baptismais. Igreja de Saint Georges sur Eure. / Breviário do duque de Bedford. B.N., Paris. A princesa conduz com uma correia o dragão trespassado pela lança de S. Jorge. / Fresco da igreja de Saint Léger. Ébreuil (Allier). Montado num cavalo branco, armado com um escudo branco, com uma cruz vermelha e com uma lança, atravessa as fauces do dragão. / Carlo Crivelli. / Jacopo Bellini. / Mestre suíço. Até 1445. Museu de Basileia. / Vitral. Catedral de Ulm. / Martin Schongauer. Gravado. / Bernt Notke. Grupo equestre de madeira policromada. Trofeu de vitória erigido em 1489 na igreja de S. Nicolás de Estocolmo. / Tábua flamenca. S. Jorge, a pé, trespassa o dragão. Museu de Cluny, Paris. // **Século XVI:** Vittore Carpaccio. Fresco da igreja de S. Giorgio degli Schiavoni. Veneza. / França. Galeria Corsini. Roma. / Rafael. Quadrito de juventude, pintado cerca 1504 para Guidobaldo, duque de Urbino. Louvre. O jovem cavaleiro, montado num cavalo branco, brande a espada contra o monstro. Os restos da sua lança rompida em três fragmentos decoram o chão. No exemplar do Hermitage, oferecido a Enrique VII de Inglaterra, o santo encorajado leva a faixa da ordem da Jarreteira. Vendido pelos soviéticos, este quadro passou aos Estados Unidos, à coleção Mellon e desta à National Gallery of Art de Washington. / M. Colombe. Baixorrelevo encomendado pelo cardeal Georges d' Amboise para a capela do castelo de Gaillon. / Bajorrelevo do túmulo dos cardeais de Amboise, 1520. Catedral de Ruán. / Hans Brüggemann. Grupo de madeira procedente da igreja de Husum, cerca 1525. Museu de Copenhague. // **Século XVIII:** Gilles Quirin Asam. S. Jorge a cavalo, toucado com um casco empenachado, ergue-se sobre um pedestal, detrás do altar-mor, trespassa o dragão que ameaça a princesa espantada. Igreja de Weltenburg, próximo de Ratisbona (Baviera). // **Século XIX:** Hans von Marées. Museu Berlin.

S. Jorge homenageado depois da sua vitória

Al.: Die Heimkehr mit der Prinzessin in die Stadt. **Fr.:** Saint Georges fêté après sa victoria.

O pai e a mãe da princesa, seguidos por todos los habitantes da cidade, se ajoelham perante o salvador da sua filha. Tema muito infrequente, inspirado sem dúvida pelo triunfo do jovem David, aclamado depois da sua vitória sobre Golias.

Século XV: Miniatura do Livro de Horas Sforza. Museu Britânico. Londres.

S. Jorge reparte entre os pobres o dinheiro da sua recompensa

Tema infrequente.

Século XVI: Assentos de coro da capilla de Gaillon, hacia 1510. Museu de Cluny.

O martírio de S. Jorge

It.: Supplizio di san Giorgio tra gli aculei d'una ruota. **Fr.:** Le Martyre de saint Georges. **Ingl.:** Martyrdom of St. George stretched on a wheel. **Al.:** Georg wird gerädert, zur Hinrichtungsstätte von einem Pferde geschleift, enthauptet. **Hol.:** De Marteldood van St. Joris.

Século XIII: Vitral de Chartres. O santo está de pé, com as mãos atadas, no centro de uma roda cujos raios são espadas. Museu da universidade de Princeton (Estados Unidos). // **Século XIV:** Fresco em Staro Nagoricino (Serbia), 1318. // **Século XV:** Hemi Bellechose. Retábulo procedente da cartuxa de Dijon. Louvre. / Jam Borman. Retábulo de madeira lavrada. Museu de Arte e Historia, Bruxelas. / Retábulo pintado da escola catalã. Victoria A.M., Londres e Museu do Louvre. Os quatro painéis do Louvre representam a condenação do santo que é arrastado de costas por um cavalo, flagelado de joelhos e decapitado abaixo da boca. // **Século XVI:** P. Veronese. Quadros pintados para as igrejas de S. Giorgio Maggiore de Veneza (Louvre) e de S. Giorgio in Braida de Verona.

S. Jorge apresenta a Cristo a sua cabeça nimbada

O tema de S. Jorge *cefalóforo* é particular da iconografia bizantina.

Século XVI: Fresco do mosteiro de Xenophon, no monte Athos.

Milagre póstumo: la libertação de um adolescente

Trata-se de um milagre «post mortem». Um jovem de Paflagonia tinha sido escravizado. Um dia ouviu chamar pelo seu nome. Um ginete fê-lo montar na garupa e levou-o a galope para a casa de seus pais. O tema, especialmente bizantino, é muito frequente nos frescos e ícones do monte Athos e em Roménia.

Século XVI: Fresco do convento de Vatopedi, no monte Athos. / Ícone do Museu Municipal de Oradea (Roménia). O motivo do adolescente na garupa forma par com S. Jorge combatendo o dragão e com o da libertação da princesa.

S. Jorge combatendo à frente dos cruzados

Como o apóstolo Santiago em Espanha, S. Jorge aparece na Terra Santa aos cruzados, que apoia nos seus combates contra os sarracenos.

Século XII: Pinturas murais em Poncé (Loir e Cher). / Frescos na capela dos Templários de Cressac (Charente). // **Século XIV:** Fresco. Catedral de Clermont Ferrand.

Louis Réau, Iconografia del arte cristiano Tomo 2 Vol 4, Ed del Serbal, Barcelona, 1997

MA